

# A BATALHA

E' preciso acabar com a falta de casas

Julgava muita gente que a questão do inquilinato ficou resolvida pelo simples facto de um decreto recente ter prorrogado as disposições da lei em vigor sobre o assunto. Estamos habituados a verificar a inutilidade dos decretos, que só têm, em regra, alguma força quando uma outra força os apoia — a força da opinião pública.

Neste caso do inquilinato, como em todos os casos idênticos, muito mais do que todos os decretos valeriam os factos, isto é, as obras necessárias que atenuassem a enorme falta de habitações, visto ser nessa falta que reside a origem da questão do inquilinato.

Ora muito antes do último decreto essa falta de casas existia e continua a existir. O que se impunha, como remédio eficaz, seria a construção de moradias bastantes para alojar todos os que de habitação precisam. A abundância de casas obriga, pela concorrência que se estabeleceria, as rendas elevadíssimas a baixarem.

Há muito tempo que vimos preconizando a construção de casas baratas e acessíveis à bôisa dos poucos endinheirados, como medida salutar para o descongestionamento de habitações que estão comportando à força duas, três e mais numerosas famílias. Os prejuízos morais da promiscuidade que se verifica actualmente em Lisboa são incalculáveis. Basta atentar-se na dissolução de costumes que tão grande incremento tomou nestes últimos anos, para se compreender que a promiscuidade originada pela falta de moradias é um dos principais factores da imoralidade do nosso tempo.

De iniciativa particular têm surgido vários alvitres para a construção de bairros populares. Nunca o Estado se preocupou com eles. E os alvitres, até hoje, não têm passado de alvitres. Mesmo aquela febre de construções que existiu até há poucos anos cessou devido à crise económica que atravessamos.

Presentemente não se edificam moradias. As classes de construção civil atravessam uma crise pavorosa, atormentadora. E o habitante de Lisboa vê-se doido para obter um nicho onde se meter.

Se se fomentasse a construção de casas, obter-se-ia remédio para uns poucos de males: dar-se-ia um golpe na carestia das rendas, descongesionar-se-iam muitos lares e atenuar-se-ia a crise de trabalho.

## UM PROBLEMA DA ACTUALIDADE

### A jornada de seis horas

*A Batalha* prepara a breve publicação de um estudo notável do escritor revolucionário Diego Abad de Santillan. Refere-se a um problema gravíssimo que o proletariado coloca ante a formidável crise do capitalismo: a redução do tempo normal de trabalho para atenuar a vastíssima desocupação dos trabalhadores. O estudo de Diego Abad de Santillan, que *A Batalha* começará a publicar dentro de breves dias, intitula-se:

### A jornada de seis horas

A demonstração do desenvolvimento técnico e a sua influência no mercado do trabalho é feita por Diego Abad de Santillan com uma proficiência inegualável. Os nossos leitores, nomeadamente o proletariado, que sofre as horríveis consequências da falência capitalista, deve prestar a sua atenção e o seu desejo de conhecer ao trabalho valioso de Diego Abad de Santillan.

### A jornada de seis horas

E' NO PRÓXIMO SABADO que se realiza em Cascais a festa em homenagem à "Batalha", promovida por uma comissão de amigos deste jornal.

A festa principia por uma palestra do nosso camarada de redacção Mário Domingues, que dissertará sobre um tema palpitante.

Depois, a Companhia Araújo Pereira representará várias peças do seu vasto repertório, os bailarinos Erasto e Aurora apresentarão alguns dos seus clássicos bailados.

Alguns cultores da canção nacional e um magnífico grupo de músicos completarão o programa.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Redigido à administração de *A Batalha*

MISTÉRIO! MISTÉRIO!

### Um manicômio misterioso onde os doentes são sujeitos a um regime penitenciário e a uma terapêutica original

A casa da rua do Arco do Cego — A entrevista com o proprietário do exquisito manicômio — O sequestro como agente de cura — A loucura é, afinal, o resultado do mau funcionamento dos intestinos — Por abnegação trata-se a 1.200\$00 por mês os loucos — E o mais que o leitor encontrará

O prédio número dezasseis da rua do Arco do Cego, em cujo primeiro andar se dão instruções sobre o internamento de loucos, conforme anúncio que temos transcrevemos, é de aspecto sordido. De fisionomia envelhecida, epiderme riscada pelas intempéries, assemelha-se aos pardieiros dos bairros pobres. A escada não desmancha a expressão exterior, feia e suja, exalando um odor exquisito do original W. C. que a gataria ali improvisou. Mas era nesse prédio que se dizia das últimas maravilhas sobre a cura das várias psicoses: outro remédio não havia do que avançar até o primeiro andar. Foi o que fizemos.

Anunciados que fomos pelo timor da prosaica campanha da porta do lado direito, apareceu-nos uma mulher de idade inquieta que nos desejávamos:

— E' nesta casa que se recebem loucos, diz-me, faz favor? — respondemos.

A informação tardou. Aquela figura estranha não respondeu logo. Com o olhar percorreu-nos dos pés à cabeça, num misto de desconfiança e de curiosidade. Só passados alguns minutos é que nos disse:

— A pessoa que trata do caso esteve ontem até as 10 horas à espera de clientes. E como elas não vieram retirou-se.

— Nesses casos não lhe posso falar? — atalhou.

Uma nova contracção nervosa denunciou no rosto da nossa interlocutora visível inquietação. Havia da parte dela certo receio em falar com o «cliente». Mas porque? Não dizia o anúncio: «Loucos recebem-se. Temos atestados de curas feitas...». Logo, éramos um cliente como qualquer outro...

Iamos para declinar a nossa qualidade de bôbo, cliente, quando a mulherinha nos convidou a entrar para «aquela sala e a esperar ali pela criatura que trata do caso». Assim fizemos.

### O consultório do original alienista

Passado um estreito corredor, de deficiente luz, chegámos ao consultório do alienista sempre no meio de grande mistério. Nova deceção e uma sensação nova nos invadiu. Afinal, o consultório não passava de uma simples sala de jantar, com seu guarda-pratas, com o seu aparador, com a sua mesa e com as suas cadeiras. O cenário nem de longe se parecia com o de um consultório. Mas que diabo, para ali é que o anúncio...

Estávamos mergulhados nas mais inverossímeis conjecturas quando reparámos que estávamos sós, sob o olhar penetrante de uma figura, cuja fotografia emoldurada estava suspensa na parede, que acompanhava os nossos movimentos. Seria a fotografia do alienista? Que horror! Não tardaria que o subscóbessemos...

De súbito uma voz cortou aquele silêncio. — Onde foi fulana?

— Foi chamar o sr. Lagos para falar a um senhor que ali está — respondeu uma voz feminina.

E durante alguns minutos duas mulheres trocavam confidências em voz tão baixinha, que nem ouviu de tísico conseguiu distinguir...

No corredor que dá acesso à cozinha passou-lhe uma criatura. A nossa voz obrigou-a a retroceder. Queríamos que nos dissesse se ainda se demorava muito tempo quem procurávamos:

— Ele não demora. Foram já chamá-lo. Ele mora perto, ali no largo do Leão — respondeu-nos.

— Como se chama? — perguntamos imediatamente.

A resposta foi mais demorada, porque o nosso entrevistado era pessoa segura que não vai ao primeiro impulso. E só depois, quando compreendeu que não tínhamos grande interesse em saber o nome do médico, é que nos disse:

— O meu médico, o dr. António Fernandes, vai seguir as fases da doença. Eu apenas estableço o regime da cura.

— Como é que o nome?

— O Louco não pode gozar de liberdade porque não se cura. O louco deve só viver o mesmo cenário e a pessoa que o trata. O louco deve estar metido num quarto numa celas dissemos nós intimamente) só viver o seu tratador. Não pode receber visitas, nem respirar outro ambiente. E assim que se faz na minha casa. As famílias vêm o doente pelo rótulo da porta, sem que ele veja os seus parentes.

— Pasmai, oh psiquiatras!

Pouco depois desse episódio a campanha da porta tinhui de novo. Era o «alienista».

— Onde foi fulana?

— Foi chamar o sr. Lagos para falar a um senhor que ali está — respondeu uma voz feminina.

E durante alguns minutos duas mulheres trocavam confidências em voz tão baixinha, que nem ouviu de tísico conseguiu distinguir...

No corredor que dá acesso à cozinha passou-lhe uma criatura. A nossa voz obrigou-a a retroceder. Queríamos que nos dissesse se ainda se demorava muito tempo quem procurávamos:

— Ele não demora. Foram já chamá-lo. Ele mora perto, ali no largo do Leão — respondeu-nos.

— Como se chama? — perguntamos imediatamente.

A resposta foi mais demorada, porque o nosso entrevistado era pessoa segura que não vai ao primeiro impulso. E só depois, quando compreendeu que não tínhamos grande interesse em saber o nome do médico, é que nos disse:

— O meu médico, o dr. António Fernandes, vai seguir as fases da doença. Eu apenas estableço o regime da cura.

— Como é que o nome?

— O Louco não pode gozar de liberdade porque não se cura. O louco deve só viver o mesmo cenário e a pessoa que o trata. O louco deve estar metido num quarto numa celas dissemos nós intimamente) só viver o seu tratador. Não pode receber visitas, nem respirar outro ambiente. E assim que se faz na minha casa. As famílias vêm o doente pelo rótulo da porta, sem que ele veja os seus parentes.

— Pasmai, oh psiquiatras!

Pouco depois desse episódio a campanha da porta tinhui de novo. Era o «alienista».

— Onde foi fulana?

— Foi chamar o sr. Lagos para falar a um senhor que ali está — respondeu uma voz feminina.

E durante alguns minutos duas mulheres trocavam confidências em voz tão baixinha, que nem ouviu de tísico conseguiu distinguir...

No corredor que dá acesso à cozinha passou-lhe uma criatura. A nossa voz obrigou-a a retroceder. Queríamos que nos dissesse se ainda se demorava muito tempo quem procurávamos:

— Ele não demora. Foram já chamá-lo. Ele mora perto, ali no largo do Leão — respondeu-nos.

— Como se chama? — perguntamos imediatamente.

A resposta foi mais demorada, porque o nosso entrevistado era pessoa segura que não vai ao primeiro impulso. E só depois, quando compreendeu que não tínhamos grande interesse em saber o nome do médico, é que nos disse:

— O meu médico, o dr. António Fernandes, vai seguir as fases da doença. Eu apenas estableço o regime da cura.

— Como é que o nome?

— O Louco não pode gozar de liberdade porque não se cura. O louco deve só viver o mesmo cenário e a pessoa que o trata. O louco deve estar metido num quarto numa celas dissemos nós intimamente) só viver o seu tratador. Não pode receber visitas, nem respirar outro ambiente. E assim que se faz na minha casa. As famílias vêm o doente pelo rótulo da porta, sem que ele veja os seus parentes.

— Pasmai, oh psiquiatras!

Pouco depois desse episódio a campanha da porta tinhui de novo. Era o «alienista».

— Onde foi fulana?

— Foi chamar o sr. Lagos para falar a um senhor que ali está — respondeu uma voz feminina.

E durante alguns minutos duas mulheres trocavam confidências em voz tão baixinha, que nem ouviu de tísico conseguiu distinguir...

No corredor que dá acesso à cozinha passou-lhe uma criatura. A nossa voz obrigou-a a retroceder. Queríamos que nos dissesse se ainda se demorava muito tempo quem procurávamos:

— Ele não demora. Foram já chamá-lo. Ele mora perto, ali no largo do Leão — respondeu-nos.

— Como se chama? — perguntamos imediatamente.

A resposta foi mais demorada, porque o nosso entrevistado era pessoa segura que não vai ao primeiro impulso. E só depois, quando compreendeu que não tínhamos grande interesse em saber o nome do médico, é que nos disse:

— O meu médico, o dr. António Fernandes, vai seguir as fases da doença. Eu apenas estableço o regime da cura.

— Como é que o nome?

— O Louco não pode gozar de liberdade porque não se cura. O louco deve só viver o mesmo cenário e a pessoa que o trata. O louco deve estar metido num quarto numa celas dissemos nós intimamente) só viver o seu tratador. Não pode receber visitas, nem respirar outro ambiente. E assim que se faz na minha casa. As famílias vêm o doente pelo rótulo da porta, sem que ele veja os seus parentes.

— Pasmai, oh psiquiatras!

Pouco depois desse episódio a campanha da porta tinhui de novo. Era o «alienista».

— Onde foi fulana?

— Foi chamar o sr. Lagos para falar a um senhor que ali está — respondeu uma voz feminina.

E durante alguns minutos duas mulheres trocavam confidências em voz tão baixinha, que nem ouviu de tísico conseguiu distinguir...

No corredor que dá acesso à cozinha passou-lhe uma criatura. A nossa voz obrigou-a a retroceder. Queríamos que nos dissesse se ainda se demorava muito tempo quem procurávamos:

— Ele não demora. Foram já chamá-lo. Ele mora perto, ali no largo do Leão — respondeu-nos.

— Como se chama? — perguntamos imediatamente.

A resposta foi mais demorada, porque o nosso entrevistado era pessoa segura que não vai ao primeiro impulso. E só depois, quando compreendeu que não tínhamos grande interesse em saber o nome do médico, é que nos disse:

— O meu médico, o dr. António Fernandes, vai seguir as fases da doença. Eu apenas estableço o regime da cura.

— Como é que o nome?

— O Louco não pode gozar de liberdade porque não se cura. O louco deve só viver o mesmo cenário e a pessoa que o trata. O louco deve estar metido num quarto numa celas dissemos nós intimamente) só viver o seu tratador. Não pode receber visitas, nem respirar outro ambiente. E assim que se faz na minha casa. As famílias vêm o doente pelo rótulo da porta, sem que ele veja os seus parentes.

— Pasmai, oh psiquiatras!

Pouco depois desse episódio a campanha da porta tinhui de novo. Era o «alienista».

— Onde foi fulana?

**TEATRO SALÃO FOZ**  
Matinée às 3 h. Soirée às 8,45 h.  
COLLOSSAIS SESSÕES CINEMATOGRÁFICAS  
UMA ÚNICA EXIBIÇÃO COMPLETA  
quer na "matinée" quer na "soirée"  
do super-film em 2 jornadas -- 12 partes

**A Irmã Branca**

Esta obra que é uma das maiores produções do insigne escritor Francis Marion é brilhantemente interpretada pela formidável artista LILIAN GISH.

**EM FIM DE FESTA**

A notável estrela de variedades

**FABIOLA**

Bailes espertos e «couplets» cômicos

Concerto pela FOZ MELODY BAND

**PREÇOS POPULARES**

Amanhã -- Entrada das duas sessões francesas a grande voz MARTY ET RIANT que têm estado obtendo um enorme sucesso no Casino de Paris

**Notas & Comentários****Lá o cá**

Informações recebidas de África referem que um funcionário da Companhia da Zambezí, Carlos de Vasconcelos Sobral, foi devorado por um leão.

**A mocidade**

Proclama-se que a mocidade degenerou, que ajoelha e reza envelhecida e vencida, sem ter vivido. Mas nem todos os novos são velhos, felizes. Está nessa consolidadora exceção Luis Bastos Gonçalves, que acaba de publicar «A Expulsão dos Vendilhões», livro de poesia, mas não de poesia delambida e falsamente sentimental.

A musa, neste livro, é uma revoltada. A ironia, a violência e o sarcasmo unem-se num combate desassombrado aos velhos e criminosos preconceitos religiosos e capitalistas.

**Hemorroidal**

Cura-se evitando operação, tanto interno como externo, em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receita completa, 30\$00.

**Chegaram, entraram e... faram-se embora**

As Novidades, por excelência o jornal mais pisa-mansinho da imprensa portuguesa, não conteve os seus nervos e relatou deste modo a resurreição misteriosa e simbólica da P. S. E.

Ontem de madrugada entraram no Governo Civil dois indivíduos que foram ocupar as antigas instalações da Polícia de Segurança.

Sem maiores formalidades, chegaram, sentaram-se e começaram a fazer arrumações. Depois de muito trabalho conseguimos saber que se tratava do secretário da Polícia de Segurança e do seu continho.

Mais tarde, chegou um outro indivíduo, que recebeu os jornalistas e declarou chamar-se Mário Noronha, ser engenheiro e novo director daquela polícia, e que não podia prestar mais esclarecimentos. Disse, ainda, que o seu secretário se chamava Lapa Valente.

Poucos momentos depois retira-se o novo director de polícia, que duma forma tão estranha tinha tomado posse.

**ESPERANTO**

Nova Vcjo — Avisam-se os alunos do curso elementar que este passa a funcionar uma vez por semana, como curso complementar, todas as quartas-feiras, às 21 horas.

**Aviação trágica**

HELSINGFORDS, 29.—Abalroaram dois aviões, morrendo os 4 aviadores que os tripulavam.

**A água do Andaluz**

Reuniu a comissão de defesa e melhoramentos da água do largo do Andaluz, tomando conhecimento de todo o projecto das obras para benefício da água, ainda muito atrasadas em virtude da falta de pessoal necessário para a conclusão do primeiro lance da galeria já aberta no solo e que as águas das chuvas estão danificando. A comissão deliberou ir à Câmara Municipal pedir provisões a-lim para que aquelas obras se conciliem rapidamente.

**A situação cambial de Moçambique**

Informam da Arcada:

O governador geral de Moçambique informa que a situação cambial continua melhorando consideravelmente na província, tendo ficado ontem o prémio de transversidade a 31 por cento.

**O Vesúvio tranquilizador...**

NÁPOLES, 29.—O relatório do professor Milladra, director do Observatório do Vesúvio, declara inexistente neste momento qualquer perigo, sendo a erupção actual apenas de erupção anual, deresto já decrese.

**Manuais de ofícios**

Galvanoplastia..... 18\$00  
Motores de explosão..... 20\$00  
Navegante..... 16\$00  
Cimento armado..... 25\$00

ser incluído no grande plano de restauração.

O Correio da Manhã vai duvidar outra vez das nossas informações. Vai duvidar e não desmentir. Duvidando ou desmentindo, o Correio da Manhã desafiar-nos há a novas revelações. Fá-lo-hemos, consoante nos inspira a lábia do Correio da Manhã. E o que dizem todos a esta ironia do destino? O Correio da Manhã orientando uma campanha de A Batalha... O que o órgão do sr. Pizarro deseja é que nós o informemos e denunciemos aos republicanos, ao mesmo tempo, os seus contrários, igualmente monárquicos... Como é furioso o ódio entre dissidentes políticos!

Entretanto, os republicanos limitam-se a peior provisões ao governo. A prisão para os monárquicos é o triunfo que os republicanos julgam definitivo. Boa vai elas! Nós é que não pedimos a caceia para os nossos inimigos—e por isso é que occultamos a residência de D. José de Barahona. Em vez de declarar—defendemo-nos.

**TEATRO AVENIDA**

Teat. II. 4395  
O teatro mais popular de Lisboa  
HOJE, às 21,30 horas  
**COMPANHIA SATANELA-AMARANTE**  
Espectáculo sem rival em Lisboa e o único teatro que explora com êxito e agradável gênero da comédia musical  
O monumental «vaudeville»

**O Dr. da Mula Ruça****O estrangeiro através do telégrafo****O rescaldo do tratado de Versailles****O desarmamento da Alemanha**

LONDRES, 29.—«The Times» publicou um «memorandum» diplomático do governo britânico, enviado aos gabinetes de Paris, Roma e Bruxelas, no qual expõe o programa mínimo que em sua opinião deve ser exigido da Alemanha como execução das cláusulas de desarmamento do tratado de Versailles.

O referido programa contém quatro pontos: subordinação dos chefes da «reichswehr» ao ministro da defesa, regularização do recrutamento e das associações militares, fiscalização da exportação de armas e munições e destruição das novas fortificações da fronteira oriental.

Briand respondeu a Chamberlain que se o princípio da política externa mantém a conciliação com a Alemanha, nesse sentido a evacuação de Colônia foi concedida na esperança dum rápida execução das cláusulas do desarmamento, ainda previstas no programa mínimo.

O sr. Briand entregou o «memorandum» britânico aos peritos militares para o examinarem, devendo o seu relatório ser submetido à próxima conferência de Genebra.

**Uma decisão da conferência dos embaxadores**

PARIS, 29.—A conferência dos embaixadores resolveu retirar a comissão de controle inter-alliado na Alemanha só depois de verificada a execução da cláusula do Tratado de Versailles, entregando o controle a uma comissão especial da S. das N.

**Um barco que se incendeia no alto mar**

COLOMBO, 29.—A bordo do vapor inglês «Ayrshire» foi descoberto um incêndio, no momento em que partia para a Europa. O vapor «City Nagpur», recebeu o sinal de S. O. S., partiu em seu socorro, tentando extinguir o incêndio.

A tentativa, porém, falhou, e os passageiros e a tripulação do vapor incendiado foram transportados, sãos e salvos, para bordo do vapor «City Nagpur», e em seguida, a corveta inglesa «Lupin» meteu o «Ayrshire» no fundo.

**As dissensões fascistas**

ROMA, 29.—Mussolini aceitou a demissão de Cremones de governador de Roma, em virtude de dissensões no conselho municipal.

O sr. Cremones foi acompanhado no seu pedido pelos vice-governadores e por vários conselheiros.

**A embaixada russa em Roma**

ROMA, 29.—Anuncia-se a nomeação de Kameneff para embaixador soviético nesta cidade, em substituição de Kergentzoff.

**A Venda a 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO Povo**

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

Obra mais barata que no gênero se publica

—

**O propósito dum incidente**

Camarada redactor: — A pesar de encerrado o incidente em que fui atingido, julgo que, desde que se abriu um precedente eu poderei voltar ao assunto.

Por me achar com categoria moral para responder ao meu detractor, fá-lo-hei.

José dos Santos não apresentou provas concretas que me fizessem crer que não nos tinha autorizado. I porque não protesta sobre outras cartas que eu e Germinal escrevemos?

Se é certo que não foi passada ao copiador, talvez por falta minha, no entanto todas as outras o não foram.

Todas as resoluções sobre a ligação com a U. A. P. foram por maioria; é a prova em como José dos Santos se desinteressou dos trabalhos do Comité Federal, e que isto o prove o próprio comité pelas suas actas e das suas ausências.

Se José dos Santos foi elemento de trabalho não o é actualmente, e se eu fosse de apresentar os meus serviços teria de lembrar a José dos Santos que se o congresso se realizou foi porque o que estas linhas escreveu algumas vezes atacou a sua inérvia. A prova disto ainda está nos arquivos da Federação onde se verifica a ausência de trabalhos de José dos Santos, a acrescentar 127\$00 que detém em seu poder sem dar as desvidas contas, e sobre isso já o comité se pronunciou.

Por último, e em poucas palavras, lembro que o Conselho Federal não repudiou a minha acção, porque dela se desinteressou, mas decerto repudiaria a dum invidioso que se locupleta com dinheiro dos organismos revolucionários. — De v., etc. — Emílio Santana.

**ACABA DE SAIR: A EPOPEIA DO TRABALHO**

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplendoroso livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, à cobrança, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

Catapros, fosse, bronquites, rouquidão, faringites, pigarro, mau hálito

Curam-se rapidamente com as cigarribas medicinais BELSAÚDE VITERI

**DEVE-SE ENGULIR O FUMO. O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR**

Fórmula fraca — pacote . . . . .	3\$00
forte — carteira . . . . .	4\$00
fortíssima — carteira . . . . .	5\$00

Depósito: Vicente Ribeiro & C.º

RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º Dt.º

**TIVOLI — AS 21 HORAS****O NAVEGANTE**

Super-film burlesco com Buster Keaton (Pampilhas)

**A Noite da Desforra**

— VENDETTA — Drama rústico com Leon Melford, Charles Vanier, Syvio de Péreire e Simone Vaudry

**UMA CINÉ-FARÇA**

REVISTA DE ACTUALIDADES

Produção especial para a orquestra, sob a direção de MECÔNIKO MULATO

TELEFONE N. 5474

ALHANDRA

— \* —

**A BATALHA** na província e arredores

— \* —

Alhandra

— \* —

O preço elevado da «mão-de-obra» católica

ALHANDRA, 28.—Os devotos têm o hábito de participar a morte de qualquer pessoa ao padroeiro, primeiro que cuidar do funeral.

D. Elvira Cardoso inclui-se no número destes devotos. Seu marido, um torturado velho, morreu na adoração de santos que ela lhe impunha cheia de uma piedade selvagem.

Quem abrigou o velho foi o prior desta freguesia, nomeado padre Ramalho, o mesmo que se envolveu em desordem com o sacrifício da igreja, Gerardo, degenerado em vícios imorais, afamado por visitas de mulheres na sacristia, altas horas da noite.

D. Elvira sentiu-se iluminada ao ver que um padre de muita santidade encomendava seu marido. Apagou-se, porém, de tristeza, quando o santo padre, de volta do cemitério — que fica a cem metros da casa — lhe apontou a conta: «manda Deus que me sejam 200 mil e oitocentos escudos».

D. Elvira pagou imediatamente. E logo o padre desinteressado voltou costas, D. Elvira desabou a sua cória de explodida contra os santos, contra os padres, contra a tralhada de igrejas que tanto dinheiro custam.

V. R. Santo António

Um patrão explorador

VILA REAL DE SANTO ANTONIO,

26.—Na praça Marquês de Pombal, desta vila, existe um estabelecimento de fazendas e merceria, sendo seu proprietário um indivíduo de nacionalidade espanhola, de nome Simon Dominguez Velasco, que possui um carácter de poucos amigos. É, sem dúvida, uma pessoa antipática para estar ao balcão, muitíssimo desconfiada, tanto para com os seus empregados, como para os seus fregueses, pois sofre da mania territorial de imaginar que todos o roubam.

Chega mesmo a desconfiar da própria sombra. Também é uma criatura muito ambiciosa e avarenta, explorando desalmadamente o trabalho dos empregados que estão abaixo das suas garras.

Encontrava-se empregado há oito meses neste estabelecimento, um menor de 15 anos, de nome António Marrocos, natural de Cacela. Durante os oito meses que esteve prestando bons serviços, o seu ind

## MARCO POSTAL

Mangualde.—A. dos Santos.—Recebeu 17500 que pagou a assinatura do mês de Dezembro, p. 1, de B. Santos, residente em Paris.

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95000	
Madrid, cheque	2998	
Paris, cheque	573	
Suíça	278,5	
Bruxelas cheque	274	
New-York	1904	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque	584	
Brasil	240	
Praga	58,5	
Suecia, cheque	524	
Austria, cheque	277	
Berlim	4506	

## TEATROS

Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas.

São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff. Gimnásio.—A's 21/30.—A Petisa do Gato. Politeama.—A's 21.—O idílio do 5º andar.

Apolo.—A's 20,30 & 22,30.—A Mouraria. Eden.—A's 20,45 & 22,45.—Cabaz de Morangos.

Variedades.—A's 20,30 & 22,30.—Era uma vez uma meia.

Joaquim de Almeida.—A's 20,30 & 22,30.

Variedades.

Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.

Salão Foz.—A's 15 e as 20,30.—Variedades.

Avenida Parque—Diversões.

## CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade—Olimpia.—«Matinées» e «soirées». Salão Central.—Praça dos Restauradores. Chiado Terrasse.—Rua António Maria Cardoso. Cinema Condes.—Avenida da Liberdade. Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches. Salão Ideal.—Rua do Loreto. Edén—Cinema.—Rua do Alívio (Alcântara). Cine Paris.—Rua Ferreira Borges. Alhambra.—Parque Mayer. (Variedades). Salão Lisboa. (Mouraria). Cine-Esperança.—(Rua da Esperança). Domingos, terças, quintas, sábados, às 20,30, animatógrafo. Salão da Promotora.—A's 20 horas.

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a:

FRANCISCO LATTÀ  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

FÁBRICA  
etadilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
GOARMON & C.<sup>a</sup>  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
—TELEF. C. 1244—LISBOA —

## A PRESTAÇÕES

Fatos, calcado, sobretudos, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira, na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

## Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO, que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação, Libertária — Tática — Evolução e Revolução — Violência — Libertad / Autoridade — Ensino. Filosófico-ideário — Ideias, lecionárias — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Crítica das Representações — Trabalhos Polémicos — Letras — Fragmento Histórico.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50  
Pedidos à Administração da A BATALHA

CONSELHO TÉCNICO  
DA  
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade  
Escritório:  
Calçada do Combro, 38-A, 2°

## “HERPETOL”

→ Dá um (—

Alívio instantâneo



SOFRE DE COMICHE? provocada pelo ECZEMA outras DOENÇAS de PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL fará desaparecer rapidamente a infecção.

O HERPETOL CURA: A atestado temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A ação do HERPETOL é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germens que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo mal. É um remedio maravilhoso, eficaz para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEDURAS DE INSECTOS, ECZEMAS HUMIDOS & SECO E RCROSTOS DURAS.

Não hesite e compre um frasco de HERPETOL, melhor remedio que ate hoje apareceu.

A' venda nas principais farmácias e nos depósitos: em Lisboa, Rue da Prata, 257, 2.º

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º Telefone N. 4663

Assembrais de chegar muitos padrões de boas fábricas das quais nenhuma direta das fábricas ao público que vendem.

Estambres e casimires desde Esc. 1000 o metro,

estrangeiros das principais fábricas do país,

e um esplendoroso sortido de lazenhas estrangeiras

que vendemos por preços sem competição. Há

homens e mulheres feitos de medida, sobretudos

para homens e crianças desde Esc. 1000.

Tem estofaria para a sua enorme clientela.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a província

e em Lisboa ao domicílio

Loteria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prémios maiores... 4.000.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cauteis a 6\$00. Pelo

correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.

116, RUA DO AMPARO, 116

LISBOA

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na

barbearia de Firmino Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

O bispo.—Isso é muito grave; como obteremos a certeza de que esse indivíduo seja dos nossos?

O marquês.—Um homem vestido de mulher? estamos entaos no carnaval?

O jesuíta (ao pequeno Rodin).—Tu conheces de vista todos os nossos amigos?

Rodin.—Sim, meu bom padrinho; logo que tenha visto alguém uma vez, nunca mais me esquece da sua fisionomia. Nosso Senhor (e persignou-se) deu ao seu pequeno servidor uma grande reminiscência, que ele aproveitou.

Morlet.—Vai lá abajo ao quarto do portoiro e examina esse sujeito; se o conheceres, deixa-o entrar, e senão vem prevenir-me.

Rodin.—Sim, meu bom padrinho, vou cumprir as suas ordens. (Saiu).

O bispo.—Mas este pequeno pode enganar-se.

Parece-me que foi mal entregue a missão.

Morlet.—O meu afilhado é um prodigo de finura e penetração... Suspendermos por enquanto a discussão; depois a continuaremos.

O conde de Plouernel, (indignado).—Eu recuso

ter como presidente um homem, padre e subido do rei, que tem a sacrilega audácia de querer que se discuta se ó ou não conveniente deixarmos guilhotinar

Luis XVI.

O bispo.—Semelhante infâmia pareceria incrível a quem não soubesse que a Companhia de Jesus tem já muitas vezes pregado o regicídio.

Morlet.—A Companhia tem pregado e aconselhado o regicídio, sempre que era preciso suprimir reis ad majorem Dei gloriam. A igreja está superior aos monarcas.

O marquês.—A ideia tem graça! estamos aqui para ver como havemos de salvar o rei, e o reverendo Morlet propõe-nos que lhe deixemos cortar a cabeça!...

O pequeno Rodin entrou e disse:

Morlet.—O conde mora então perto da rua de

Santo Honório? Qual é o número da sua casa?

O conde de Plouernel.—Dezenove.

Morlet.—Não podia escolher refúgio mais perigoso. No número 17 dessa mesma rua moram duas pessoas da família Lebren: João, o serraleiro, e essa bela mulher que o senhor conhece pelo nome de marquesa Aldini. Tenha cuidado, que se elas viessem a saber da sua presença ali, não tardariam a saciar em si o ódio com que há tantos séculos os Lebren perseguiam a família de Plouernel.

O conde de Plouernel.—Agora, que o maluco do marquês está quase com juizo, podemos continuar a nossa discussão.

Depois dirigindo-se a Humberto, o conde prosseguiu:

— Quando o senhor entrou, o abade ia propor a discussão saber se era ou não oportuno adiar o movimento projectado até depois da condenação do rei, em vez de proceder amanhã, como se queria.

Humberto.—Esse adiamento seria funesto, porque ha pouco foi apreendida em casa de meu cunhado uma caixa com armas, contendo também vários exemplares das nossas proclamações. A junta de segurança pública deve já ter em seu poder as provas evidentes da conspiração; portanto é mister que procedamos imediatamente. Ontem e hoje tenho estado com muitos oficiais e granadeiros do meu antigo batalhão, muito influentes no seu bairro, e que só esperam um sinal para correrem às armas; a burguesia tem horror à República.

O conde de Plouernel.—Confesso, sr. Humberto, que era preferível para a burguesia, resignar-se ac que se chamavam «privilegios do trono e imunidades da nobreza e do clero», do que sofrer a tirania da população!

Humberto.—Permita-me uma observação, sr. conde. Há alguns anos, mandou o senhor dar pauladas a um homem que é infelizmente meu cunhado. Eu, no lugar dele, tinha-as pago na mesma moeda, não «por procura», mas pessoalmente... E que teria o senhor feito nesse caso?

O conde de Plouernel.—Ora!... se no primeiro momento de cólera, lhe não tivesse atravessado o

corpo com a minha espada, ver-me-ia obrigado a pedir ao rei uma carta de prego para o meter na Basílica.

Humberto.—Porque um homem da sua raça não podia «descer» a bater-se com um burguês?..

O conde de Plouernel.—Decerto, porque o tribunal

de honra, composto dos senhores marchais de

França, e a quem a nobreza consultava sobre todas

as questões dessa natureza, ter-me-ia proibido formalmente esse duelo, e todos nós estámos comprometidos sob juramento a respeitar as decisões do tribunal dos senhores marchais.

O bispo.—Parece-me que estamos muito fora do assunto em discussão.

Humberto.—Não estamos tal, sr. bispo. Se nós conspiramos para a queda da República, é preciso que saibamos por que forma de governo a havemos de substituir. Será por uma realeza absoluta como dantes, ou pela monarquia constitucional de 1791? Pois, senhores da nobreza e do clero, fiquem sabendo que nós, os burgueses, nós os do terceiro Estado, nós, os da plebe, a quem os senhores desprezam, queremos a realeza constitucional, e não outra. E' bom que o fiquem sabendo!

O conde de Plouernel.—Porque, assim, a burguesia reinará de facto, à sombra desse simulacro de monarquia? Nós não queremos esse governo.

Humberto.—E' natural.

O conde de Plouernel.—Dnde se deduz que os senhores querem substituir a nossa aristocracia pela oligarquia burguesa, pelo privilégio do dinheiro?..

Humberto.—Sem dúvida; tem tanto horror ao antigo regime do absolutismo como a da República.

Morlet.—Nós desviamos da questão. Burguesia, nobreza e clero têm horror à República; isso é inegável. Pois tratemos primeiro de a derrubar, e depois veremos o modo de a substituir. Comecemos por decidir se devemos ou não adiar a execução do plano projectado para amanhã. Depois veremos — esta segunda questão devia ter a primazia — se é ou não

## MALETAS DE CABEDAL

em todas as qualidades e feitios,  
vendem-se a preços de fabricante  
— EM —  
A ORIGINAL  
RUA DA PALMA, 266-A

## Livraria de A BATALHA

## OBRAS DE LITERATURA, SCIÉNCIA E ENSINO

<table border

# A BATALHA

Este inverno os penhoristas expropriarão os miseráveis haveres da grande legião dos sem trabalho

Os penhoristas andaram uns dias apavorados. A ideia de que deixariam de especular sobre as lágrimas e a desventura dos seus clientes a princípio chegou a paralisa-lhes os movimentos.

Viejo depois a reação. Os prestamistas saíram dos seus covis — a medo. Foram aos jornais, com passinhos metidos e fala mansa. Sentiam-se ainda vítimas e apelavam para uma derradeira esperança sem grande confiança no êxito: a publicidade.

O assunto — a defesa dos seus crimes — era escandaloso. Mas os jornais, logo que souberam que elas, com a corda na garganta, estavam dispostos a pagar, recesaram-nos com a mais requintada amabilidade e deixaram-se subornar. Os jornais não contente em alugar as suas colunas a tanto por linha — prestaram-se à cobardesíssima e vergonhosíssima atitude de oferecerem por brinde aos penhoristas a promessa de licarem mentiras; isto é, de não escreverem uma única linha, de não publicarem uma única notícia em seu desabono. E cumpriram rigorosamente... Nem os negócios dos penhoristas sofreu a mais leve beliscada.

Com este triunfo obtido à custa de milhares de escudos e da fácil corrupção de imprensa respiraram com mais serenidade. Refeições do susto, entregaram-se a uma actividade prodigiosa: bateram a tódas as portas, serviram-se de tódas as influências e bloquearam tódas as entidades que podiam salvá-los ou perdê-los. Convencidos e reconvenidos de que a mola real desta sociedade é o dinheiro e, portanto, partindo do princípio de que quem tem dinheiro acaba sempre por ter razão, agiram de tal modo, que o seu receio desapareceu por completo.

Não fazemos uma acusação. Tampouco recorremos à insinuação que é impróprio do nosso temperamento. Limitamo-nos a registrar um facto, um facto bastante significativo: os penhoristas andam alegres, bem dispostos, cheios de confiança neles mesmos.

O aspecto confiante que elas mostram — enche-nos de desconfiança. Estamos tomados dum grande receio que se nos figura justo e bem fundamentado. Receamos que esses seres abjectos consigam fazer vingar os seus desejos de continuarem como até aqui especulando impunemente com a miséria da sua confrangadora freguesia.

\*\*\*\*

Atravessa-se neste momento uma grande crise de trabalho. Uma grande parte das indústrias estão quase paralisadas: dezenas de milhares de operários encontram-se a braços com a miséria. Na Inglaterra os operários desocupados recebem um subsídio do governo, visto ter-se reconhecido naquele país que não era justa condonar-se a morte pela fome criaturas a quem não cabiam culpas da grave crise industrial então existente. Em Portugal ésses subsídios não existem: o operário desocupado tem de se valer dos seus recursos e os seus recursos consistem em alguns móveis necessários e rudimentares e naquelas indispensáveis peças do vestuário.

Tudo vai parar, inevitavelmente, às garras dos penhoristas que, aproveitando a aflição dos clientes, adquirem as miseráveis peças de vestuário e os miseráveis trastes dos esfomeados por uma tuta e meia, na esperança dourada de depois os venderem em leilão, metendo os lucros nos seus cofres.

E não se enganam: de resto um penhorista nunca se engana. Conhece melhor do que ninguém a situação dos desgraçados a quem penhora os tristes haveres. Como podem estes reaver os seus objectos se ao fim de três meses os perdem por falta de pagamento de juros e ao fim de seis ou oito meses têm de dar, para o seu resgate, uma importância duas vezes superior à que lhes foi prestada?

\*\*\*\*

Os penhoristas esfregam as mãos de contentes: éste inverno expropriarão os haveres de todos os desgraçados. E o jurosinho de 8, 15 e 20 % promete uma estação explêndida. Quanto aos desgraçados — esses que se resignem: é deles o reino dos céus. E esse reino não interessa aos penhoristas.

## UMA INICIATIVA UTIL

## A Federação das Escolas e Bibliotecas Sociais

As consciências livres alarmam-se ante o desenvolvimento da reacção religiosa, do catolicismo que procura infiltrar-se para melhor envenenar os espíritos, assim recorriendo ao terreno que tem perdido.

As manifestações de toda a espécie levadas a efeito pelos empresários dos milagres de Fátima e de Lourdes, que pretendem com espetaculosas peregrinações e congressos de variada ordem, apoderar-se da consciência humana para obliterar e embrutecer, têm encontrado a enfrentá-las demasiada inacção e desleixo.

Parece que os propósitos reaccionários têm sido, pouco a pouco, coroados de êxito.

As Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais do Porto e arredores, resolveram constituir uma Comissão Organizadora da Federação, cujo objectivo será coordenar a ação das várias escolas e organismos de carácter educativo e libertário na difusão do método racionalista no ensino.

Para a constituição dessa Federação vai, ainda este ano, realizar-se um congresso, onde tódas as escolas, juntamente com professores e pedagogos, que serão convidados, debaterão os meios eficazes de pôr em prática o método racional do ensino, que visa a tornar o homem livre de preconceitos retrógrados.

Todas as Escolas e Organismos de Educação popular que queriam participar da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, devem dirigir-se a Mário Ferreira, rua Sarava de Carvalho, 5, 2º, Porto.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 dessa revista intitulado *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón, — Pres., 550. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

NENO VASCO

## Anarquismo e sindicalismo

III

Por outro lado, força é confessá-lo, o anarquismo sofría uma involução. Em França, que taminha influência exerce, especialmente sobre os países latinos, após a desastrosa guerra franco-prussiana, o esmagamento da Comuna de Paris, com a relativa hecatombe dos revolucionários, veiu um período de reacção burguesa e de abatimento proletário. As sociedades operárias encolleram-se, abandonando-se aos pequenos expedientes daquela espécie de reformismo que poderíamos chamar, a-pesar-das aparentes contradições dos termos, conservador.

Do seu lado os anarquistas insularam-se,

enfraquecidos pela repressão e desanimados ante a enormidade da tarefa, ante o espírito dominante nas corporações. O anarquismo, apartado do movimento operário, entrou de definhar, de se consumir num criticismo estéril e impotente, de se dividir em pequenas capelas, com as infiltrações de individualismo burguês ou de misticismo, divagações metafísicas e torneios intelectuais de dilettantes e de snobs. A tradução anarquista da International pareceu por vezes quebrada, sobretudo em França, a despeito dos esforços de muitos militantes infatigáveis para chamar os anarquistas à consciência da sua missão e para os reconduzir ao terreno fecundo onde tornara corpo a nossa ideia. Líga severa para o futuro, pois as regressões, aparentes ou reais, do movimento operário tendem a desanistar muitos elementos revolucionários, que fazem actuar ou perder curar a sua retirada o recuo iniciado.

Por fim, tornou a encher-se a maré revolucionária. Os sindicatos, desiludidos do reformismo chato do democratismo, adquiriram em França novo espírito; e os anarquistas, reanimados, lançaram-se de novo no movimento operário, atrás de pioneiros entre os quais é preciso citar Pelloutier. O anarquismo levava o seu espírito, teórica e numericamente enriquecido, convém dizê-lo, pois nem só inconvenientes lhe trouxeram a insurreição; e recuperava em troca o seu caráter popular, de movimento prático de emancipação colectiva. Eis reatada a tradição da International, com os enriquecimentos da prática e da teoria e com as modificações dos novos tempos. Eis reivindicado o anarquismo operário, às vezes sob o nome de «sindicalismo revolucionário», que é para muitos um simples eufemismo.

Entre os anarquistas que se largam então no movimento operário, salienta-se, dissemos, o claro espírito de Fernando Pelloutier. Quando, em Dezembro de 1899, do Congresso do Partido Socialista Francês saiu a unidade partidária, Pelloutier pressentiu o perigo que o movimento operário corre de ser dominado pela nova agrupação burguesa e pelas suas preocupações eleitorais. E' então que él lança a famosa adverbiação aos anarquistas, numa carta aberta que proclama o relato das suas impressões sobre o Congresso.

«Serei breve (começa él): o espaço é-me

medido, e demais as palavras que vou dizer acham una ilustração perfeita na pessoa de propagandistas como Malatesta, que sabem tanto, também a uma paixão revolucionária indomável, a organização do proletariado.

Actualmente, a nossa situação no mundo socialista é esta: Proscritos do Partido porque, não menos, revolucionários que Vaillant e Guesde, tão resolutamente partidários da supressão da propriedade individual, somos além disso o que eles não são: revoltados de cada instante, homens verdadeiramente sem Deus nem amo, nem pátria, inimigos irreconciliáveis de todos os despotismos, morais ou materiais, individuais ou colectivos, isto é, das leis e das ditaduras (incluindo o proletariado) e amantes da paz, todos outros, eram os elementos mais activos e ardentes da grande Associação.

Mais tarde, numa situação igualmente favorável, repetindo-se as mesmas condições de facto, as mesmas ideias fundamentais dos anarquistas da International: luta de classes de compromissos partidários, autonomia, acção directa, livre federalismo, gerência directa da produção pelos próprios produtores, etc. ganharam em França o movimento operário organizado e influente de todo o mundo, graças à influência intelectual daquele país. E ainda então vimos os anarquistas em acção e os resultados fedados da sua obra: vimos o trabalho produtivo de Pelloutier, Tortelier, Pouget, Yvetot, Delesalle, etc., em França. Ao passo que, em terrenos menos bem predispostos e preparados, nos outros países, são quais os anarquistas os iniciadores e propagandistas do sindicalismo revolucionário entre o povo produtor. Nos acontecimentos que precederam e seguiram o histórico 1.º de Maio de 1906 em França repetiu-se o mesmo facto. Esta vigorosa companhia escrevia há anos Thullier, — teve também como efeito fazer voltar uma grande parte dos elementos libertários aos sindicatos onde os fizera depositar a cultura própria.

«Acolhidos pelo contrário, em razão precisamente desses sentimentos, pelo partidário corporativo, que nos viu consagrados à obra económica, puros de toda e qualquer ambição, pródigos das nossas forças, prontos a arriscar o corpo em todos os campos de batalha e depois de ter soprado a polícia, apostrofado o exército, retomar impunemente a tarefa sindical, obscura, mas fecunda».

«Os sindicatos têm de há alguns anos para cá uma altíssima e nobilíssima ambição. Julgam ter uma missão social a cumprir, e, em vez de se considerar quer como puros instrumentos de resistência à depressão económica, quer como simples quadros do exercício revolucionário, pretendem, além disso, semear na própria sociedade capitalista o germen dos grupos livres de produtores, pelos quais parece dever realizar-se a nossa concepção comunista e anarquista.

IV

Estas ideias assumem perfeita nitidez nos diversos escritos de Pelloutier. Citarímos alguns trechos dum opúsculo traduzido em português sob o título, um tanto alterado, de «A União dos Sindicatos e a Anarquia»:

«Restabelecid assim a função racional da humanidade (pela abolição do valor da troca), resta instituir a associação dos produtores, associação livremente consentida, sempre aberta, mesmo limitada — se os associados o julgarem conveniente ou simpiamente o desejarem — à execução do objectivo que a originou, em suma, tal que ninguém nela tema as constrições morais, não menos incômodas do que os constrangimentos materiais: as violências colectivas.

«Qual deve ser a tarefa destas associações? Cada uma delas se encarrega dum ramo de produção: esta, do alojamento; aquela, da alimentação; estourada, da arte. Umas e outras devem informar-se logo das necessidades do consumo, e depois dos recursos de que elas dispõem para as satisfazer. Quantas granitos é preciso extrair cada dia, quantas farinhas moer, quantos espetáculos organizar para uma dada população? Conhecidas estas quantidades, quantos granitos e quantas farinhas podem ser obtidos no lugar? Quantos espetáculos organizados? Quantos operários, quantos artistas são necessários? Quantos material ou quantos produtores é preciso pedir às associações vizinhas? Como se ha dividir o trabalho? Como utilizar, apenas connexões, as descobertas científicas?

«Pois bem, destas associações as Uniões de Sindicatos ou Bólsas do Trabalho (não infeliz: Camaras do Trabalho seria mais digno) não nos dão uma ideia? Estas funções não são as que devem desempenhar ou que aspiram a desempenhar as federa-

Reclamam-se medidas que atenuem eficazmente a escassez de habitações.



## Luta de classes

### Horário do Trabalho no Comércio

A Comissão de Melhoramentos, do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, avistou-se ontem com o ministro do Comércio, demonstrando-lhe que os argumentos aduzidos pela Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho, concernentes à modificação do regime de 8 horas de labor, no comércio (abertura às 9 e encerramento às 19 horas) são insubstancial e ilógicos visto lei do horário de trabalho, n.º 5.516, em nada alterar os hábitos da população e também não afectar os legítimos interesses do consumidor. E neste sentido deixou uma representação aquela entidade onde expõe, mais circunstanciadamente, as aspirações justas dos empregados no Comércio.

O referido Sindicato realiza hoje, às 21 horas, no Bairro Alto, travessa dos Inglesinhos, n.º 3, 1.º a 3.º, da 2.ª série de sessões de propaganda associativa e de esclarecimento ao rigoroso cumprimento do horário de trabalho.

Na mesma sessão serão expostos os trabalhos que tem desenvolvido em prol da uniformidade do descanso semanal e da abolição das carroças puxadas por homens e crianças.

## Uma sessão contra a carestia da vida e crise de trabalho

Promovida pelo Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa, realiza-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Associação de Classe dos Cabocqueiros e Fabricantes de Cal, Estrada dos Prazeres, n.º 5, 1.º, uma sessão em que serão tratadas a carestia da vida e a crise e horário de trabalho.

Esta sessão faz parte da série de sessões que o sindicato tenta realizar nos diversos bairros da cidade, esperando que o povo operário e os consumidores assistam as mesmas, a fim de sancionar poder cumprir a missão que lhe foi indicada pelos diversos organismos da Construção Civil.

Anunciando a sessão éste sindicato fez distribuir um vibrante manifesto. A sessão foi autorizada pelo general governador militar de Lisboa.

## Secção telegráfica

### Federações

#### METALÚRGICA

Sindicato Metalúrgico de Evora. — Recebemos ofício e credencial. Aguardem ofício. Seguem boletins estatísticos.

Sindicato Metalúrgico do Porto. — Recebemos ofício. Aguardamos o outro.

Comité do Norte. — Idem.

## Tribunal de Arbitros Avindores

Realizaram-se no sábado neste tribunal os seguintes julgamentos:

João Pedro Mendonça, carpinteiro, ferido na mão esquerda por explosão de pedreira. Recessão dos 4.º e 5.º metacarpo e amputação dos dedos, quando trabalhava por conta da Junta da Paróquia de Cachoeiras (Vila Franca de Xira) que foi condenada a pagar ao autor 504500 correspondentes a 56 dias de incapacidade absoluta e mais a pensão mensal de 71\$88, equivalente a desvalorização de 70 %. Joaquim Paixão, trabalhador ao serviço da Companhia União Fabril, o Tribunal confirmou a desvalorização de 10 % fixada no exame médico a que o sinistrado foi submetido em 14 de Novembro do ano findo.

Francisco Amaro e sua mulher Maria Antónia Dias, pais do sinistrado Joaquim Amaro, serraleiro, os quais pediam para que lhes fosse estabelecida a pensão consignada na alínea d) do artigo 9.º do decreto 5637. O Tribunal absolveu a ré Mutualidade Portuguesa, por se provar que a alimentação dos pais do sinistrado não estava a cargo dêste.

No próximo dia 3 de Dezembro realizam-se os seguintes julgamentos:

Maria da Conceição Ferreira e Joaquim Fernandes, orfãos de Joaquim dos Santos, carpinteiro, contra a firma Angelo Maria Vieira Borges.

Maria da Luz Pimentel Tavares, mãe da sinistrada Maria Helena Pimentel Tavares contra Joaquim Cesar Paiva, dentista, e Júlio Henrique Gomes, pintor, contra a Companhia de Seguros «A Mundial».

NO PRÓXIMO DIA 3 DE DEZEMBRO REALIZAM-SE OS SEGUINTES JULGAMENTOS:

Maria da Conceição Ferreira e Joaquim Fernandes, orfãos de Joaquim dos Santos, carpinteiro, contra a firma Angelo Maria Vieira Borges.

A rede que se encontrava ornamentada de bandeiras de diversos organismos operários, tinha um aspecto agradável.

Abriu a sessão pelas 20 horas, presidiu Silvino de Noronha, delegado da C. G. T., e secretariando Silvano Campos da Câmara Sindical do Trabalho, e Pedro Paz pelos Manipuladores de Pão.

Após largos discursos de propaganda sindical, feitos pelos delegados dos organismos acima citados e dos Marinheiros e Moços e Sindicato Único Metalúrgico, e diversos componentes dos Manipuladores de Pão, foi por todos demonstrada a grande necessidade que existe de todos os operários que compõem os diversos ramos de indústrias se unirem para combate ao inimigo comum — o capitalismo.

Foi por todos lembrada a conveniência de todos os organismos da alimentação serem aderentes à sua Federação, por quanto será ela no futuro que trará as classes dos diversos ramos que a compõem aquela vitalidade de que hoje tanto necessitam.

Procedeu-se em seguida ao descerramento do retrato do militante desta classe que em vida se chamou Domingos Pereira, sendo enaltecidas as suas qualidades de operário consciente e revolucionário que perdeu a vida na defesa e engrandecimento da organização operária.

Finda a sessão solene e após um intervalo realizou-se um sarau dramático que foi abrillantado e executado por um bem organizado grupo de amadores em que tomou parte a União Dramática, e Musical Infantil, o Grupo «Os Serenos», e o grupo musical dos Manipuladores de Pão.

Esta colectividade, que tem exercido uma intensa acção de assistência, mas que vive sólamente das pequenas cotas dos seus associados, está neste momento dirigindo um apelo a várias casas comerciais, companhias e outras entidades, no sentido de obter donativos para o desenvolvimento da sua humanitária missão, missão que a Liga pretende ampliar de maneira a poder tomar a seu cargo algumas crianças orfãs e indigentes, que ficarão como suas pupilas.

## Solidariedade